

# Saída de portugueses deixa País mais pobre e sem recursos

**Emigração.** Falta de emprego obriga à procura de trabalho lá fora. Portugal perde, e muito, com a situação. Sobretudo porque fica sem quadros para enfrentar os desafios do futuro

RITA CARVALHO

Um país mais pobre e sem recursos qualificados para enfrentar os desafios atuais e futuros. É esta a principal consequência da saída de 150 mil portugueses no ano passado do País, número avançado ontem pelo DN. Muitos destes emigrantes têm elevadas qualificações e são jovens que não encontram por cá qualquer saída profissional. Mas a atual vaga de emigração, já com uma dimensão semelhante à da década de 70, abre também oportunidades para os que vão qualificar-se lá fora e para uma economia que precisa de se internacionalizar. Para os especialistas na área da sociologia e da economia ouvidos pelo DN, o foco da questão e da reflexão não deve ser o da saída, mas mais o da criação de condições para o seu regresso. Uma resposta que, neste momento, a incerteza da economia nacional e mundial não permite, sequer, perspetivar.

## A única saída para o desemprego

“A saída devia ser uma opção e não forçada por imperativos do mercado de trabalho”, afirma Maria Conceição Pereira Ramos, professora da Faculdade de Economia da Universidade do Porto. A especialista em migrações sublinha a retração do sector público, o grande empregador nacional, e da construção. Saem engenheiros e arquitetos, mas também operários da construção social sem expectativas de emprego em território nacional. Para Angola, Brasil e também para a Europa.

António Vicente, presidente do Sindicato Nacional do Ensino Superior, considera que tão grave como não haver emprego “é não haver condições para as pessoas criarem o seu posto de trabalho”. O professor dá como exemplo os entraves burocráticos e jurídicos que os académicos em Portugal têm de enfrentar, além da falta de investimento na investigação. “Devia haver oportunidades para as pessoas lançarem as suas iniciativas. O que acontece é os investigadores quase terem de pagar do seu bolso para investigar”, conta ao DN. Além disso, acrescenta, a “incerteza que paira no ensino superior é paralisante. Ninguém sabe com o que pode contar”.

No futuro, a emigração destes cérebros criará uma relação dese-



Agora, a questão é criar condições para que estes emigrantes regressem

BRUNO SPODES/CASTANHEIRA/GLOBAL IMAGES

quilibrada entre “as exigências do País e as competências dos portugueses para as enfrentar”. Isto porque, acrescenta, há o risco de estes profissionais qualificados não regressarem. E o País não ter o retorno do investimento feito na sua formação. Nem tão-pouco da qualificação e experiência adquiridas.

Além disso, ao contrário dos emigrantes dos anos 70, que enviavam elevadas remessas para cá, há dúvidas sobre como e onde investirão as suas poupanças os atuais profissionais. “Podem fazê-lo no país de acolhimento. Os estudos lá fora demonstram que este tipo de emigrantes, mais qualificados, não tendem a inves-

tir no seu país de origem”, diz Conceição Ramos.

## Falta de profissionais em áreas-chave

Elsa Lechner, investigadora do Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, sublinha o contrassenso existente entre “esta hemorragia e a verdadeira necessidade de competências e pessoas qualificadas”. E questiona: “Como se pode desenvolver a economia sem profissionais qualificados?”

Conceição Pereira Ramos dá o exemplo do sector da saúde, onde vêm saírem médicos e enfermeiros, que já faltam, obrigando a contratar estrangeiros, para “tratar” ca-

da vez mais um país envelhecido.

Por seu lado, Elsa Lechner sublinha a tendência estrutural da emigração, que se tem repetido em vários momentos da História. “É algo estrutural, que tem a ver com a escala do País, o facto de ser periférico e de ser pobre.” Apesar das melhorias nas condições de vida, e dos atuais emigrantes serem mais qualificados do que os dos anos 70, o País continua a ser pobre, explica. “Este devia ser, por isso, um momento de reflexão sobre as novas formas de estar em sociedade e de pensar uma nova democracia. Mas não tem havido diálogo, apenas respostas imediatistas e um discurso de superfície.”

### 3 PERGUNTAS A...

“Queremos que fiquem cá, mas a trabalhar para fora”



FRANCISCO MARIA BALSEMÃO  
Presid. da Assoc. Nacional Jovens Empresários

O que tem o País a perder com esta saída de cérebros?

Tem bastante, se não forem criadas condições para depois regressarem. O problema não é saírem

agora, mas não voltarem. O que temos feito na Associação Nacional de Jovens Empresários é trabalhar com os empreendedores para que tenham ideias mas não vão para fora. Ou seja, o que queremos é que possam ficar cá mas a trabalhar para fora.

Não há qualquer saída para os projetos no mercado nacional?

Ou é uma ideia fantástica e tem perspetivas cá dentro, ou então tem de ser programado lá para fora. A vantagem é que, nesses casos, não é a pessoa nem o negócio que sai do País mas o mercado, que está lá fora. Tem de se

ter esta perspetiva do mercado internacional, não se pode pensar em ter clientes portugueses. Os emigrantes que vão trabalhar para fora não podem ajudar à internacionalização da nossa economia?

Sim, podem ser pontas de lança e exploradores de mercado e dar esse feedback para Portugal. Uma espécie de guarda avançada que, nas empresas em que está, pode ajudar a ver as vantagens da internacionalização. As empresas de cá também têm de compreender a mais-valia que é terem alguém lá fora.

## Prós...

### QUALIFICAÇÃO

» **Saída** para trabalhar lá fora, e num mercado globalizado, contribui para a qualificação dos profissionais. Além disso, a experiência de viver num país estrangeiro, com uma realidade cultural e social diferente, proporciona o enriquecimento pessoal e profissional dos emigrantes.

### INTERNACIONALIZAÇÃO

» **Empresas** que se querem instalar no estrangeiro podem encontrar nestes emigrantes uma ponte para a sua internacionalização. Isto se houver colaboração entre o país de origem e o de acolhimento.

### MERCADO

» **Alívio** do mercado de trabalho é uma das consequências mais imediatas da saída dos emigrantes, muitos profissionais desempregados ou jovens licenciados à procura do primeiro emprego.

### REMESSAS

» **Dinheiro** dos emigrantes pode ser também benéfico para Portugal. Mas, ao contrário dos emigrantes dos anos 70, que enviavam muitas remessas para cá, há dúvidas sobre onde e como investirão estes novos profissionais as suas poupanças.

## ... & Contras

### FORMAÇÃO

» **Licenciados** que fizeram a sua formação em Portugal, e em quem o País investiu durante muito tempo, não contribuem para a produção da riqueza nacional. Além disso, deixam o País sem recursos humanos qualificados para enfrentar os desafios da retoma da economia.

### PROFISSIONAIS

» **Falta** de profissionais em áreas como a Saúde, a educação ou construção no futuro.

### RISCO

» **Desincentivo** à formação das novas gerações é um dos riscos subjacentes à falta de saídas profissionais.

### CONTRIBUIÇÃO

» **Menor** contribuição para a receita do País, por exemplo, através dos impostos. Contudo, uma vez que muitas pessoas também estavam inativas ou eram até um encargo para o Estado (com prestações sociais como o subsídio de desemprego), a sua saída pode ser encarada como um alívio para os encargos do Estado.

### ENVELHECIMENTO

» **Jovens** são cada vez mais necessários para contrariar o grave problema do envelhecimento da população nacional.